

1º TRIMESTRE
2023

P O R T U
G U E S E
S H O E S

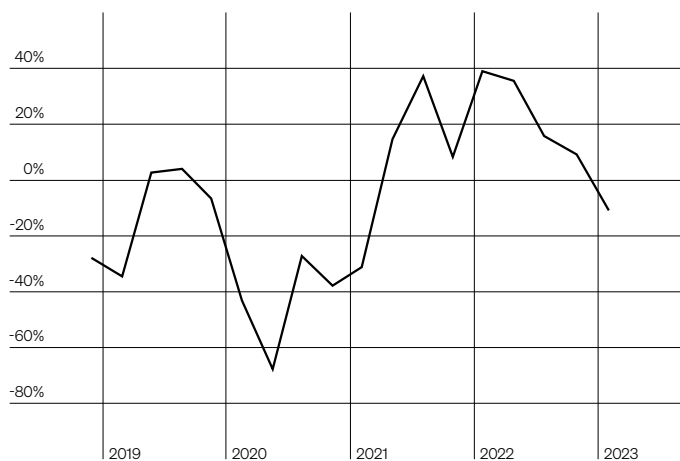
A P I C C A P S

ANÁLISE
TRIMESTRAL
DE CONJUNTURA
À INDÚSTRIA DE
CALÇADO

Desde meados de 2022 que a conjuntura da indústria portuguesa de calçado mostra uma tendência de abrandamento que continuou nos primeiros três meses de 2023.

Neste trimestre, encomendas, produção e utilização da capacidade produtiva diminuíram face ao trimestre anterior, travando o crescimento do emprego observado no último ano. Os preços foram a única variável a manter uma dinâmica de crescimento, quer em Portugal, quer nos mercados internacionais, embora menos acentuada do que em períodos anteriores. O preço das matérias-primas lidera as preocupações da indústria, seguido pela falta de encomendas internacionais e pela escassez de mão-de-obra qualificada. Apesar do abrandamento da conjuntura, a larga maioria das empresas continua a considerar o estado dos negócios suficiente ou bom.

Para o segundo trimestre do ano, as empresas preveem a continuação destas tendências com diminuição da produção e do emprego, mas subida dos preços, mantendo-se o estado global dos negócios em terreno positivo.



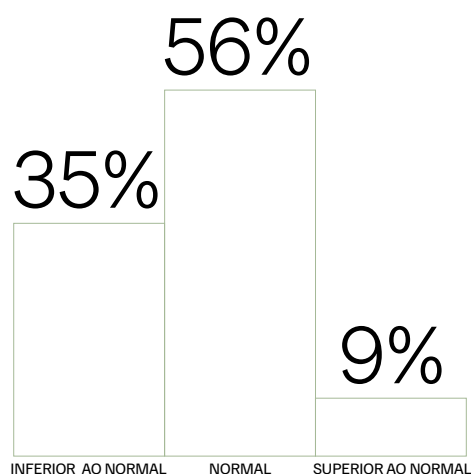
EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

PRODUÇÃO

Nos primeiros três meses de 2023, continuou o abrandamento do nível de atividade das empresas portuguesas de calçado que se tem observado desde meados do ano anterior. Tal como as empresas tinham previsto no final de 2022, no primeiro trimestre a percentagem de inquiridos que indicaram uma diminuição da sua produção foi superior à dos que indicaram um aumento em 9 pontos percentuais (p.p.) e o saldo de respostas extremas (s.r.e.) foi de -9 p.p., o mais baixo em dois anos. As empresas pequenas e as de muito grande dimensão apresentam s.r.e. positivos que, no segundo caso, atinge 40 p.p.

UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE

O abrandamento da atividade é igualmente visível nas respostas relativas à utilização da capacidade produtiva. Embora para a maioria das empresas (56%) a utilização da sua capacidade produtiva tenha sido normal para a época do ano, entre as restantes, mais de um terço indicam que a utilização da capacidade foi inferior ao normal e só 9% dizem que foi superior, gerando um saldo de respostas extremas de -26 p.p. As respostas das empresas de muito grande dimensão são as únicas com saldo positivo (s.r.e. +20 p.p.).

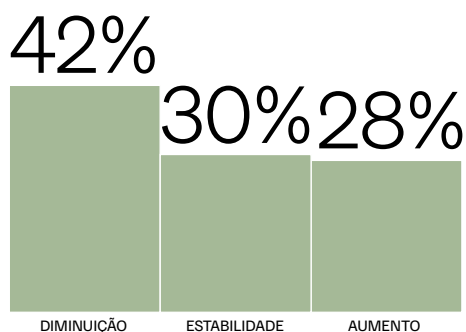


CARTEIRA DE ENCOMENDAS

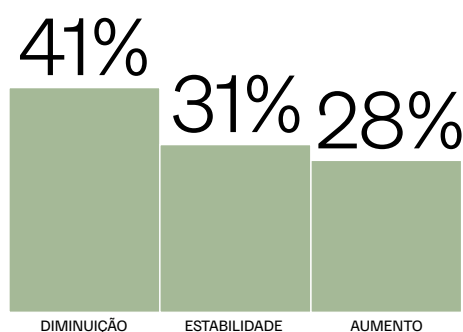
O comportamento da carteira global de encomendas foi semelhante ao da produção: embora quase um terço das empresas (30%) tenha indicado que a sua carteira se manteve estável, a percentagem de empresas que referem uma diminuição das encomendas é superior às que indicam um aumento, gerando um s.r.e. negativo, pelo segundo trimestre consecutivo, de -14 p.p. As empresas moderadamente e totalmente exportadoras, assim como as de muito grande dimensão, apresentam saldos positivos.

Relativamente à carteira de encomendas do estrangeiro o cenário é praticamente igual: a resposta mais frequente foi também a estabilidade, referida por 31% das empresas (mais 1 p.p. do que para a carteira global de encomendas). Mais de um quarto das inquiridas (28%) indicam que aumentaram a carteira de encomendas vindas do exterior. Contudo, as que indicam uma diminuição ficaram 13 p.p. acima das primeiras.

CARTEIRA DE ENCOMENDAS

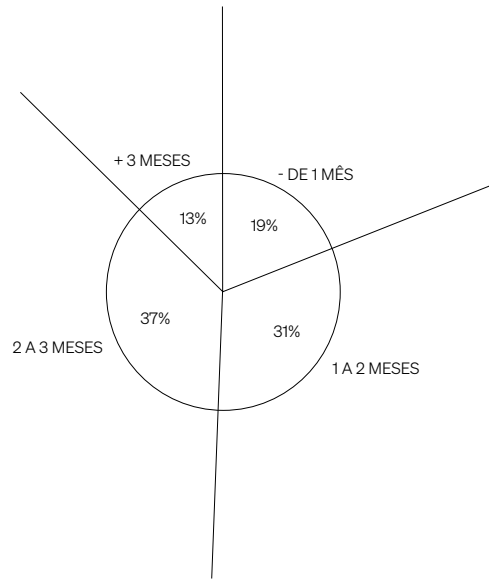


CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



HORIZONTE

No que respeita à produção assegurada pela carteira de encomendas, a maioria das empresas divide-se entre a indicação de que lhes garante 1 a 2 meses (31%) e 2 a 3 meses (37%) de produção. A percentagem de empresas que considera que a carteira lhes permite produzir durante mais de 3 meses foi maior do que no trimestre anterior (13% agora, 10% anteriormente). Em contrapartida registou-se uma diminuição de 6 p.p. nas que afirmam ter menos de um mês de produção assegurada. Nesta matéria, as respostas das empresas de maior dimensão são as mais favoráveis.

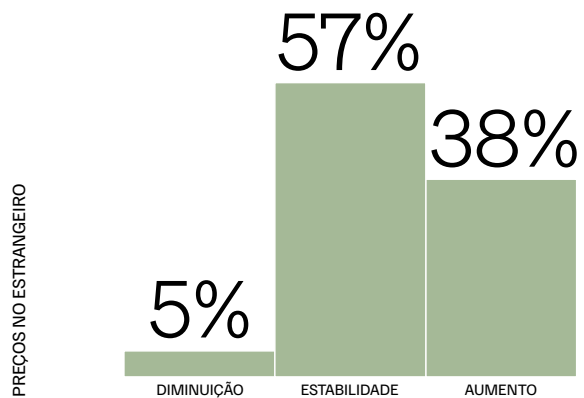
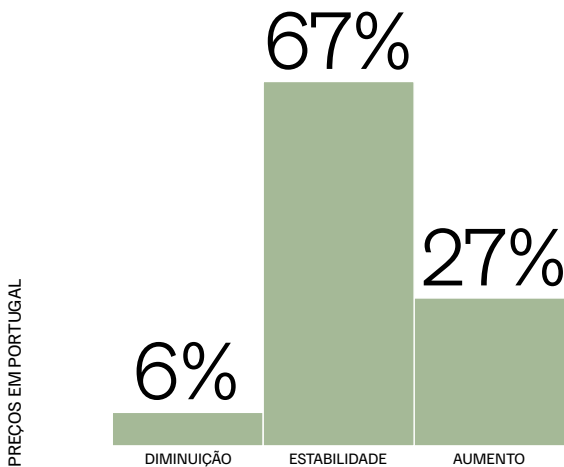


PRODUÇÃO ASSEGURADA PELA CARTEIRA DE ENCOMENDAS

PREÇOS

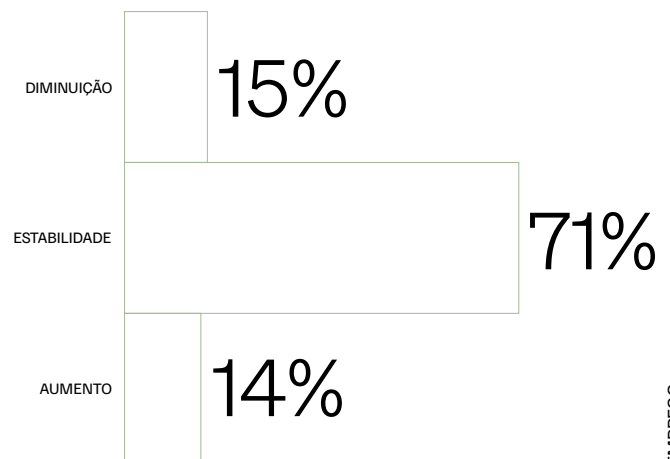
Mais de dois terços das empresas inquiridas afirmam que os preços permaneceram estáveis no mercado nacional (67%), sendo também esta a resposta mais frequente para o mercado estrangeiro (57%). No entanto, os saldos de respostas extremas permanecem positivos, refletindo as pressões inflacionistas que têm afetado a economia mundial.

Em Portugal, as empresas que indicam uma subida dos preços excedem em 21 p.p. as que sugerem a sua redução, dando sinais de abrandamento da tendência de subida de preços, enquanto nos mercados externos o s.r.e. se mantém mais elevado, atingindo 33 p.p.



PESSOAS AO SERVIÇO

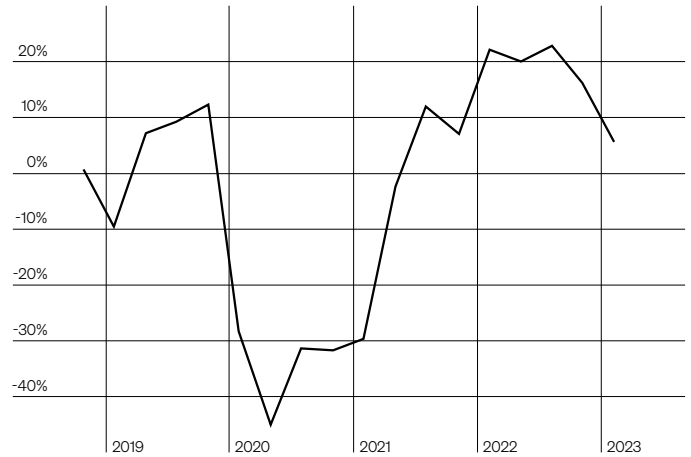
Quase três quartos das empresas afirmam que o número de pessoas ao seu serviço não sofreu alteração. Contudo, neste início do ano, a percentagem de empresas que indicaram ter diminuído o número de pessoas ao seu serviço foi superior em 1 p.p. às que disseram tê-lo aumentado, gerando um s.r.e. de -1 p.p. Este registo negativo não se verificava desde o primeiro trimestre de 2021, indiciando uma interrupção da tendência de aumento do emprego na indústria observado nos últimos dois anos.



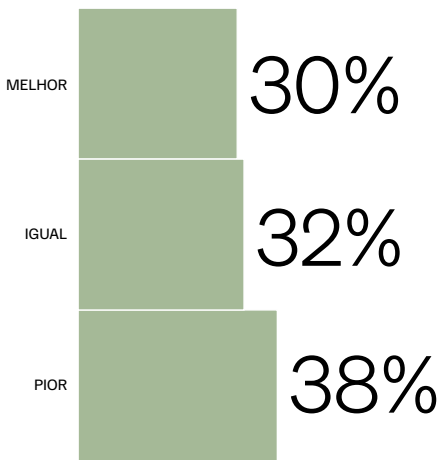
EMPREGO

ESTADO DOS NEGÓCIOS

A avaliação que as empresas fazem do estado dos negócios continua a ser predominantemente positiva: mais de um quarto das empresas inquiridas (27%) consideram que o estado dos negócios é bom e 52% entendem que é suficiente. Embora tenha descido em relação ao trimestre passado, o saldo de respostas extremas permanece positivo (+ 6 p.p.).



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR



ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO

No entanto, tal como tem acontecido desde meados de 2022, as empresas que pensam que o estado dos negócios é melhor do que há um ano são menos do que as que consideram que é pior, apontando para uma tendência de degradação progressiva da conjuntura. No período agora em análise, o s.r.e. regista um valor negativo de -8 p.p., o que não acontecia desde o início de 2021 embora, nessa altura, tenha atingido -30 p.p.

A apreciação do estado dos negócios face ao mesmo período do ano anterior é claramente pior nas empresas orientadas para o mercado nacional (s.r.e. -26 p.p.), apesar de 42% considerarem que a situação não se alterou. As empresas moderadamente e totalmente exportadoras registam saldos de respostas extremas positivos de +6 p.p. e +8 p.p., respetivamente.

ORIENTAÇÃO NACIONAL	PIOR		IGUAL		MELHOR	
	42%		42%		16%	
MODERADAMENTE EXPORTADORAS	PIOR		IGUAL		MELHOR	
	27%		40%		33%	
FORTEMENTE EXPORTADORAS	PIOR		IGUAL		MELHOR	
	48%		28%		24%	
TOTALMENTE EXPORTADORAS	PIOR		IGUAL		MELHOR	
	33%		26%		41%	

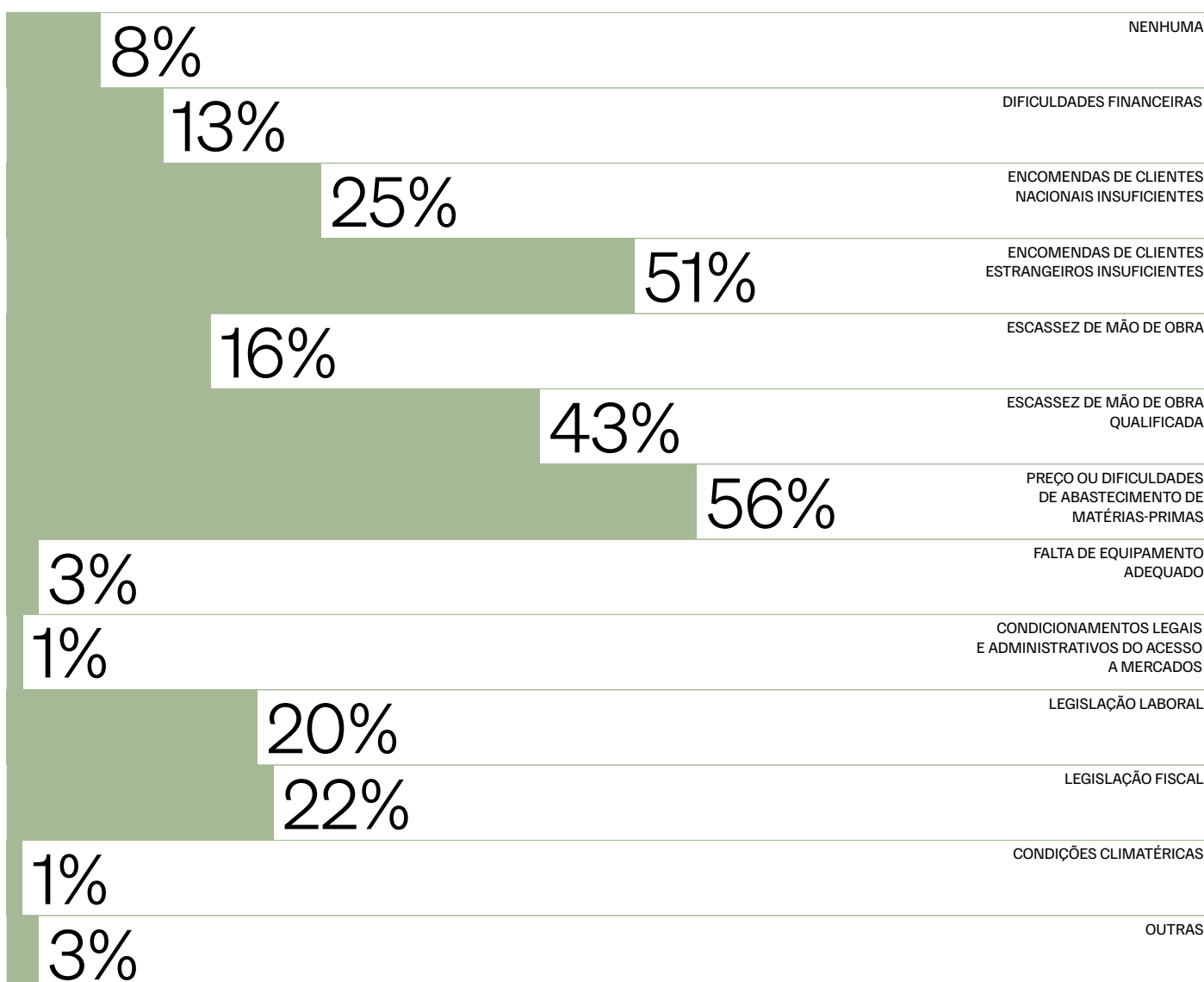
LIMITAÇÕES À PRODUÇÃO E VENDAS

Embora a percentagem de inquiridos que indicam como principal preocupação o abastecimento e preço das matérias-primas tenha diminuído ligeiramente, em relação ao trimestre passado (passou de 61% para 56%), esta continua a ser a principal dificuldade enfrentada pelas empresas. O destaque dado a este fator é transversal a empresas de todos os tipos, independentemente da sua dimensão ou vocação exportadora.

O segundo e terceiro lugares nesta lista vão para a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, com 51%, e a escassez de mão-de-obra qualificada, com 43%. Em contrapartida, a escassez de mão-de-obra, em geral, abrandou consideravelmente, sendo agora mencionada por

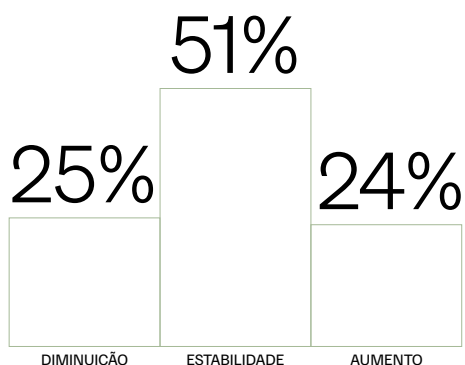
apenas 16% dos inquiridos. No entanto, aumentou consideravelmente a referência a dificuldades relacionadas com a legislação laboral que subiu de 11% para 20%, atingindo assim o seu máximo histórico desde que se iniciou a publicação deste Boletim, eventualmente refletindo as anunciadas alterações legislativas nessa matéria. Uma percentagem ainda maior das empresas mencionou dificuldades relacionadas com a legislação fiscal (22%).

Embora sejam referidas por apenas 13% das empresas, as dificuldades financeiras mantêm-se em níveis relativamente altos face ao histórico do setor. A percentagem de empresas que indicam não ter nenhuma dificuldade foi de 8%, ligeiramente mais alta do que no trimestre anterior.



TENDÊNCIA DA PRODUÇÃO

Estabilidade foi a resposta mais frequente das empresas (51%) quando questionadas sobre as perspetivas de produção para o segundo trimestre. A escassa diferença entre as que preveem um aumento e uma diminuição (-1 p.p.), reforça esta tendência de estabilidade. As empresas de menor dimensão e as muito grandes, assim como as orientadas para o mercado nacional, são as que formulam previsões mais favoráveis.



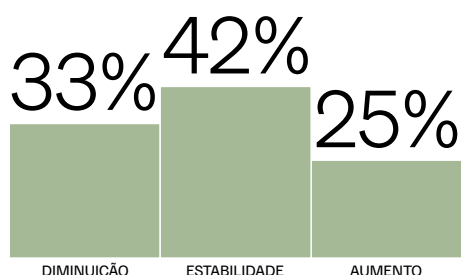
PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

PERSPETIVAS DE ENCOMENDAS

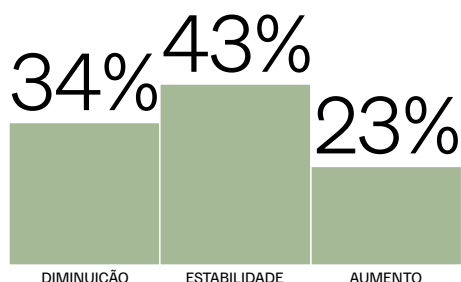
Estabilidade é também a previsão mais frequente tanto para a carteira global de encomendas (42%), como para a carteira de encomendas do estrangeiro (43%). No entanto, os saldos de respostas extremas permanecem negativos em ambos os casos (-8 p.p. no total e -11 p.p. para as encomendas do estrangeiro). Estes saldos negativos são determinados

sobretudo pelo pessimismo das empresas de média e grande dimensão. Quanto à orientação de mercado, as empresas que vendem predominantemente para o mercado nacional são as únicas que apresentam um s.r.e. positivo.

PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



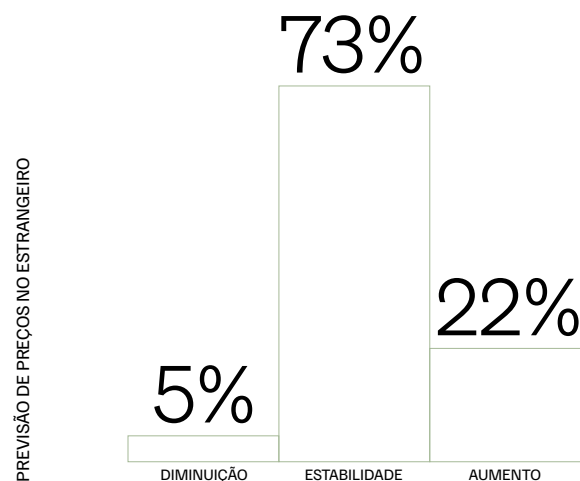
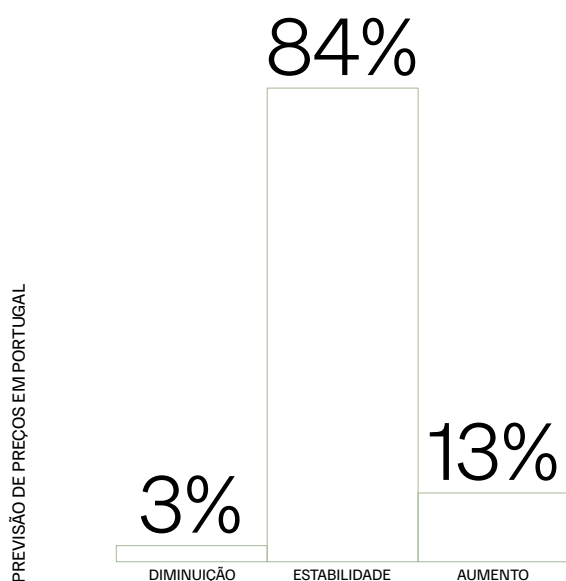
PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



PERSPETIVAS DE PREÇO DE VENDA

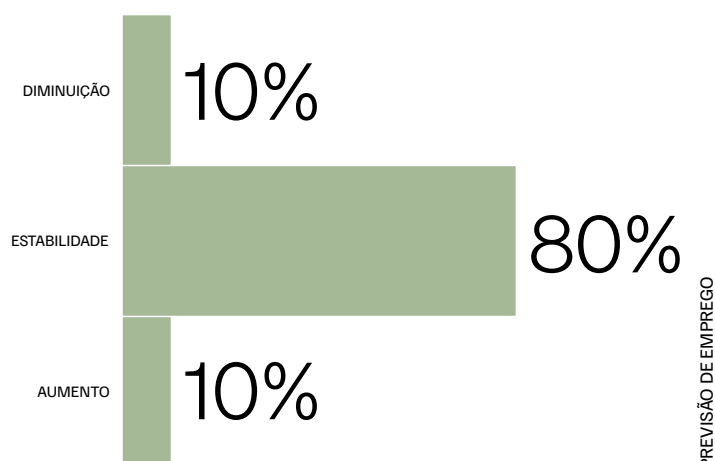
A larga maioria das empresas prevê que os preços de venda no segundo trimestre se mantenham estáveis, tanto em Portugal (84%) como no estrangeiro (73%). Em ambos os casos, as empresas que acreditam num aumento do preço superam as que receiam uma diminuição: o saldo de

respostas extremas é de +10 p.p. para o mercado nacional e +17 p.p. para o estrangeiro. Apenas as empresas de orientação moderadamente exportadora registam um s.r.e. negativo.



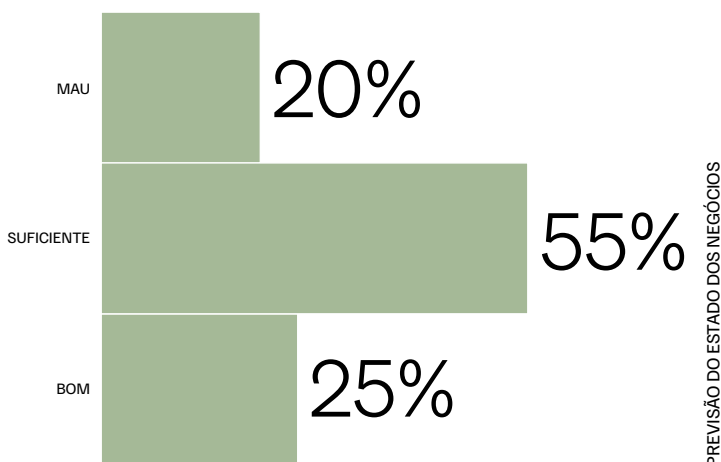
PERSPETIVAS SOBRE O EMPREGO

Quatro em cada cinco empresas (80%) acreditam que, no segundo trimestre, o seu nível de emprego não irá sofrer alterações. O saldo entre as que pensam aumentá-lo e reduzi-lo é nulo, continuando a tendência de descida que se mantém já há um ano. Neste aspeto, as pequenas empresas destacam-se positivamente das restantes, apresentando um saldo de respostas extremas positivo (+17 p.p.).



PERSPETIVAS SOBRE O ESTADO DOS NEGÓCIOS

A maioria das empresas (55%) acredita que, no segundo trimestre, o estado dos negócios vai ser suficiente. As empresas que acreditam que o estado dos negócios será bom excedem em 5 p.p. as que receiam que seja mau. Embora positivo, este saldo tem vindo a diminuir continuamente desde o início de 2022, refletindo a desaceleração da conjuntura. As empresas que julgam que o estado dos negócios no próximo trimestre será melhor do que o do trimestre homólogo do ano anterior continuam a ser menos do que as que pensam o inverso, gerando um s.r.e. de -18 p.p.



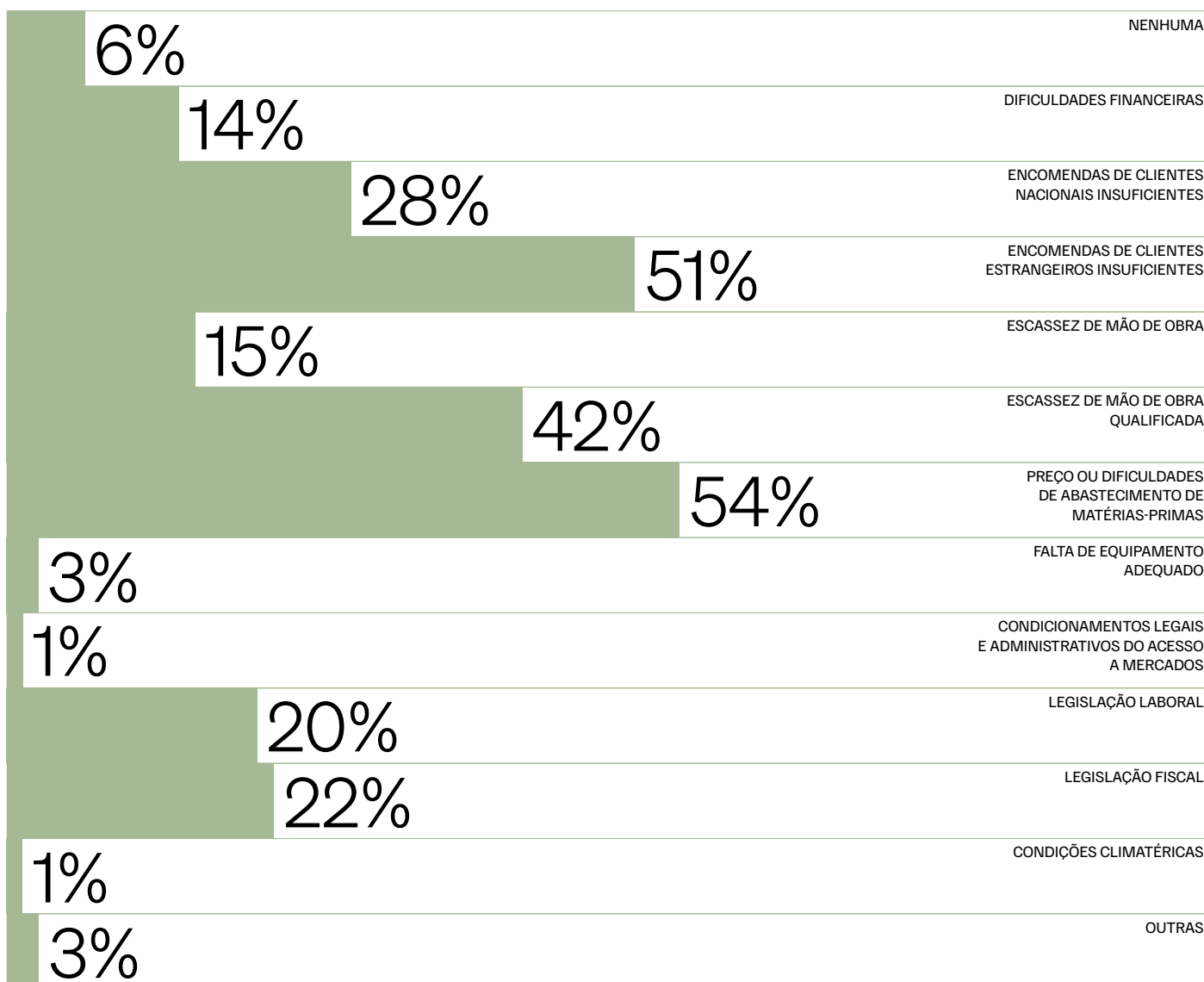
Quanto à vocação exportadora, as previsões para o estado dos negócios são mais favoráveis entre as empresas de categorias extremas: as que não exportam (s.r.e. +26 p.p.) e as que exportam tudo o que produzem (+15 p.p.). Em termos de dimensão, as que empregam mais de 250 trabalhadores, evidenciam-se claramente das restantes, com um s.r.e. de +60 p.p. (para as empresas de pequena e grande dimensão o s.r.e. é de 0 p.p. enquanto para as médias é de +3 p.p.).

ORIENTAÇÃO NACIONAL	16% PIOR	42% IGUAL	42% MELHOR
MODERADAMENTE EXPORTADORAS	20% PIOR	67% IGUAL	13% MELHOR
FORTEMENTE EXPORTADORAS	28% PIOR	52% IGUAL	20% MELHOR
TOTALMENTE EXPORTADORAS	15% PIOR	55% IGUAL	30% MELHOR

LIMITAÇÕES PREVISTAS

Não é esperado que o segundo trimestre difira substancialmente do primeiro quanto às limitações que as empresas deverão ter de enfrentar no exercício da sua atividade. Assim, e pelo sétimo trimestre consecutivo, a principal limitação continua a ser o preço ou as dificuldades de abastecimento de matérias-primas, mencionadas por 54% das inquiridas. A previsão de insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros mantém o mesmo número de referências que no primeiro trimestre, enquanto a de insuficiência de encomendas de clientes nacionais passa de 25% para 28%.

Antecipa-se uma ligeira diminuição das limitações relacionadas com fatores de produção, nomeadamente com a falta de mão-de-obra geral e qualificada, em consequência do abrandamento da atividade. Também a percentagem de empresas que esperam não enfrentar nenhuma dificuldade regista uma ligeira diminuição. Em sentido contrário, há um pequeno aumento da percentagem de empresas que receiam enfrentar dificuldades financeiras (de 13 para 14%).



NOTAS DE CONJUNTURA

A deterioração da conjuntura na indústria portuguesa de calçado que é patente nos resultados anteriores é comum aos seus principais concorrentes. De acordo com o Eurostat, o volume de produção na indústria de calçado no conjunto da União Europeia caiu cerca de 10% entre outubro de 2022 e fevereiro de 2023, com uma quebra ligeiramente mais alta em Espanha do que em Itália. Por outro lado, as estatísticas europeias mostram que, no primeiro trimestre, os preços na produção da indústria de calçado estabilizaram.

Na edição de março do seu Boletim Económico, o Banco de Portugal apresentou as suas previsões para a economia portuguesa entre 2023 e 2025. Diz o Banco:

“A economia portuguesa deverá crescer 1,8% em 2023 e 2% em 2024 e 2025, após 6,7% em 2022. A inflação deverá reduzir-se gradualmente, de 8,1% em 2022 para 5,5% em 2023, 3,2% em 2024 e 2,1% em 2025 (...). Desde o final de 2022, tem-se registado uma redução dos custos das matérias-primas energéticas, contribuindo para uma melhoria nos termos de troca da economia e uma redução das pressões externas sobre os preços no consumidor. O ritmo de crescimento do PIB deverá aumentar ao longo de 2023 e a inflação deverá reduzir-se de 8,4% no primeiro trimestre para 3,2% no quarto trimestre (...). Em 2024–25, a dissipação dos constrangimentos nas cadeias de fornecimento, a redução da incerteza, a recuperação do rendimento real das famílias e o recebimento dos fundos europeus deverão contribuir para a aceleração do PIB, parcialmente contrariada por condições financeiras mais restritivas. A desaceleração dos preços externos deverá transmitir-se aos preços no consumidor de forma generalizada, implicando uma redução da inflação em 2024 e 2025.
(...)”

Banco de Portugal, *Boletim Económico*, março 2023

Em 2023, as exportações de bens deverão crescer 1,2% (após 5,1% em 2022) e acelerar para 4,1%, em média, em 2024–25, refletindo o desvanecimento dos constrangimentos nas cadeias de valor globais e a melhoria do enquadramento internacional. As exportações de serviços deverão apresentar um maior dinamismo no horizonte, associado maioritariamente aos serviços ligados ao turismo.
(...) projeta-se um crescimento dos salários nominais por trabalhador no setor privado de 7,1% em 2023 e de 5%, em média, em 2024–25 (...). Estas projeções incorporam a evolução do salário mínimo anunciada pelo Governo (7,8% em 2023, 6,6% em 2024 e 5,6% em 2025). Adicionalmente, a situação no mercado de trabalho, a manutenção da inflação elevada e os esforços dos trabalhadores para minimizarem o choque sobre o seu poder de compra contribuem para a evolução esperada em 2023.”

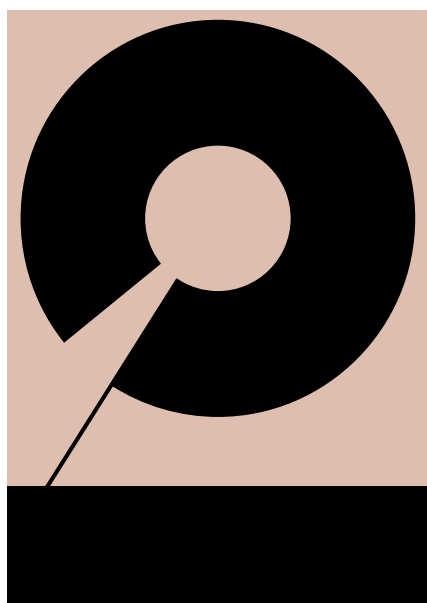
O Fundo Monetário Internacional publicou em abril as suas perspetivas para a economia mundial.

“O cenário base, que assume que as recentes tensões no sistema financeiro permanecem sob controlo, é de que o crescimento caia de 3,4% em 2022 para 2,8% em 2023, antes de aumentar lentamente e estabilizar e, 3,0% para os próximos cinco anos, a mais baixa precisão de médio prazo em décadas. Prevê-se que as economias avançadas registem um abrandamento do crescimento especialmente pronunciado, de 2,7% em 2022 para 1,3% em 2023. Num cenário alternativo plausível com tensões acrescidas no

setor financeiro, o crescimento global declina para 2,5% em 2023, o crescimento mais fraco desde a recessão de 2001, excetuando a crise inicial do COVID-19 em 2020 e a crise financeira de 2009, quando o crescimento das economias avançadas caiu para menos de 1%. Estas perspetivas anémicas refletem as políticas restritivas necessárias para fazer descer a inflação, as consequências da recente deterioração nas condições financeiras, a guerra em curso na Ucrânia e a crescente fragmentação geoeconómica.

Fundo Económico Internacional, *World Economic Outlook*, abril 2023

As previsões do FMI para os principais mercados de exportação do calçado português são muito contidas. No corrente ano de 2023, a economia da França deve crescer 0,7% e a da Alemanha deve ter uma queda de 0,1%. A Holanda (+1,0%) e a Espanha (+1,5%) devem ter um desempenho ligeiramente mais favorável, mas o Reino Unido deve cair 0,3%. Os 1,6% previstos para os EUA são o crescimento mais elevado entre os destinos tradicionais do nosso calçado, mas, na Ásia, a China (+5,2%) e a Índia (5,9%) devem crescer mais de 5%.



APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

